

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Luis Otávio Canevazzi de Freitas

**Miscigenação, racismo e fim do mundo na literatura fantástica de  
H.P. Lovecraft (Estados Unidos, 1920)**

Uberlândia, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Luis Otávio Canevazzi de Freitas

**Miscigenação, racismo e fim do mundo na literatura fantástica de  
H.P. Lovecraft (Estados Unidos, 1920)**

Monografia apresentada ao Instituto de  
História da Universidade Federal de  
Uberlândia, como exigência obrigatória  
para a obtenção do título de bacharel e  
licenciatura em História.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Spini.

Uberlândia, 2019.

FREITAS, Luis Otávio Canevazzi de. Miscigenação, racismo e fim do mundo na literatura fantástica de H.P. Lovecraft (Estados Unidos, 1920) – Uberlândia, 2019.

**Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Spini**

Monografia (Licenciatura e Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia,  
Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: Literatura Fantástica; Racismo; Xenofobia; Lovecraft.

Luis Otávio Canevazzi de Freitas

**Banca Examinadora**

---

Profª Drª Ana Paula Spini (Orientadora)

---

Prof. Ms. Lucas Flávio Martins

---

Prof. Ms. Thiago Destro Rosa Ferreira

Uberlândia, 2019

## **Agradecimentos:**

Não sei o que seriam desses agradecimentos se eu não começasse de cara agradecendo a minha família. A família Canevazzi de Freitas, ou “família da Laranja”, como prefere Pepeu a nos chamar. Meu pai, Luiz Carlos de Freitas, que em certo momento de sua vida decidiu que a vontade de ajudar o próximo era muito grande para ele ficar apenas sentado atrás de uma mesa de projetos. Adentrou logo na carreira política e se tornou não só em uma fonte de inspiração para as filhas e o filho, como também fora o melhor pai que eu poderia ter tido. Ele se dava muito para a política, mas nunca deixava a família de lado. Para todo canto ele levava a prole de criancinhas, fosse para falar no rádio, para assistir jogos da Internacional de Bebedouro, ou para comer uns salgados no centro. Freitas é filho de dona Helena Ferrari de Freitas, uma mulher batalhadora que veio do campo (e também muito reclamona), e que fez uma parte essencial da minha vida.

Maria Cecília Canevazzi, que nome lindo este. E o nome pertence a uma mulher simplesmente perfeita. Minha mãe é para mim, a pessoa mais forte que já vi nesse planeta. Por perrengues inimagináveis ela passou, cuidou (com enormes ajudas da tia Bel, outra mulher que mal tenho palavras para descrever) da Mariana ao passo que lutava para viver em um mundo extremamente hostil, filha de um pai que por mulheres não tem nenhum tipo de afeto. A Ciça criou a gente na base da ternura. Não deixava a gente falar um único palavrão dentro de casa (e se eu falava, era melhor eu correr para pular da janela). Minha mãe é do tipo que tenta ao máximo manter a calma e a compostura, mas que se vê alguma situação de injustiça, ataca com garras e dentes. Talvez eu tenha herdado um pouco disso.

Eu cresci em meio a muitos primos e primas que, se fosse citar nome por nome aqui, poderia então escrever outra monografia. Minha infância foi dividida entre minha residência e a daquela que chamo tranquilamente de minha “segunda mãe”, minha tia Inês, cujo nome jamais poderia estar fora destes agradecimentos. Mas muito além dos primos, cresci em meio a três irmãs que tiveram que me aguentar. Se em casa aprendíamos que deveríamos respeitar ao próximo e deveríamos ser, de certa forma, pacíficos ao máximo que pudéssemos, paradoxalmente éramos briguentos, num nível em que saíamos na porrada pelo menos uma vez por dia.

Podia também passar o dia escrevendo sobre minhas irmãs, a começar pela Mariana, que durante os anos 2000 fora uma fã de carteirinha da cantora Anahí e que não deixava eu assistir à TV

Cultura nos horários das novelas mexicanas. A ida de Mariana para a universidade foi, talvez, o primeiro choque que senti do mundo. Não me esqueço da felicidade que foi para a família quando ela passou na federal. Alfenas era o destino e, embora soubesse que ela estava mudando, eu não tinha noção alguma do impacto que a ausência dela causaria em minha vida. Mariana foi a primeira pessoa que eu amava e que se mudou para longe. Isso nos deixou mais fortes, sem dúvida alguma. Hoje ela é mãe de um pestinha que carrega cachos dourados e um sorriso lindo, chamado Arthur, e também do mais novo integrante da família, Benjamin, um neném simplesmente risonho e maravilhoso, mas que ainda não conheci pessoalmente.

A Heloisa teve o azar de nascer depois de mim, de fato. Eu era uma criança ciumenta e temperamental. Queria defender o que achava que era meu, e naquele tempo, na minha concepção de um mundo que girava em torno de mim, a nossa mãe era somente minha. É, briguei até com a Helô, que era portadora de um poder extremamente intimidador: um grito extremamente estridente. A Helô quebrou minha cara quando se mudou para Uberlândia. Eu acreditava até então que ela era uma garotinha que não saberia se virar sozinha, mas então vi que estava errado. Ela é realmente filha da mãe dela. De fraca não tem nada. Quando ela chegou na cidade e abriu suas asas, se mostrou numa mulher fortíssima e de atitude. De boba a Helô não tem é nada!

A Marina completou em 2019 os seus 18 anos de vida. Isso para mim é um choque enorme, pois ao meu ver, ela sempre será o neném da família. Ela chegou já se mostrando portadora de uma inteligência imensurável. Aprendeu a andar e a ler mais rapidamente que as irmãs e o irmão que vos escreve. Marina pode parecer uma garota quieta hoje em dia, que gosta de se fechar no seu mundinho. Mas não acreditem, pois ela puxou para o pai e é arretada, extremamente politizada. Está com seus 18 anos e com enorme ímpeto para fazer algo por um mundo que às vezes parece não se mover. Pois bem, neném, não ligue para os excessos de cobranças ou os medos por aquilo que está por vir. Esse mundo é todo seu!

O período de escrita dessa monografia teria motivos de sobra para colocar este que vos escreve em um estado de calamidade psicológica. Entretanto, como uma cavalaria aliada que surge no horizonte da colina enquanto nossas últimas tropas estão a cair, chegam nossos amigos e falam “cara,

vai ficar tudo bem. Você consegue terminar essa monografia”, “Luis, os tempos estão difíceis, mas você tem amigos”, “ou, bora tomar uma cerveja”<sup>1</sup>. O que seria dessa pessoa sem amigos?

É obrigação minha começar pelos meus amigos de Bebedouro. Quantas histórias eu tenho para conversar e rir sentado ao lado do Guilherme, Vinicius, Bocão e Fabiano. Tivemos uma adolescência que a mim só cabem as saudades. Aquelas tardes de um tempo em que as obrigações não eram tão aterradoras, e nos metíamos em enrascadas de pré-adolescentes, enquanto nos aventurávamos pedalando pela cidade e pelo seu contorno. Estradas de terra perigosas já pegamos, por eventos estranhos (e que na época eram, para nós, sobrenaturais) já passamos. Se tem uma coisa que eu me orgulho, é de poder chegar em Bebedouro depois de meses sem trocar uma palavra com eles, e ao nos reunirmos, parecer que nada mudou, a relação de amizade continua firme e forte.

Mas se eu tinha uma forte relação de amizade em Bebedouro, o que seria de mim quando me mudei para Uberlândia? Não posso deixar de citar aqui Vinicius Scavoni e Victor Henrique Malta. Fomos um trio de jovens adultos que não sabia o que era viver em um apartamento de uma cidade que, para quem acabara de sair de Bebedouro, parecia uma metrópole. Passamos por perrengues, brigamos, discutimos, mas principalmente, passamos por muitos momentos divertidos e extremamente risíveis da qual eu sei que guardarei para toda a minha vida.

No curso de história, assim como em qualquer conglomeração humana, é comum o surgimento de panelinhas. E ah, que panelinha a minha! Nos tornamos no Clube do Bolinha, pois éramos compostos praticamente só por homens, mas tinha a Mariana lá no meio para bater em todos nós. Novamente, o que seria desse que vos escreve se não fossem essas pessoas?

Mariana Resende ou Rezende (que faz aniversário no dia 30 de maio, ou no 29, ou no 28), me encantou com tamanha simpatia. No começo de tudo, ela parecia ser a doida dos signos (e de fato era), mas que logo em seguida se tornou na minha conselheira número um. Nossa amizade foi construída e, pobre da Mariana, precisou ouvir horas e horas de um garoto apaixonado que tivera seu coração partido<sup>2</sup>. Mariana sabe construir laços como ninguém, e dar conselhos então, essa mulher é esperta!

---

<sup>1</sup> Possíveis palavrões que podem surgir dentro de diálogos entre amigos serão ocultados pelo bem da comunidade acadêmica e pela minha formação como profissional. Entretanto, essa fala utilizada como exemplo tenta ser ao máximo carregada de enorme verossimilhança.

<sup>2</sup> Não hei de mencionar aqui quantas vezes ocorreram no decorrer destes cinco anos.

João Pedro Marto, o rapaz que é tataraneto das crianças que comeram uns pães de queijo com Nossa Senhora de Fátima. Jão é talvez a pessoa com o caminhar mais veloz que conheço na Terra, e portador de algo misterioso, vindo de uma boca que pouco fala, mas que possui um vozeirão maravilhoso. Não consigo, em hipótese alguma, não pensar no Jão quando vejo algum movimento artístico que acho legal. Aliás, ele não sabe, mas por vezes me pegava pensando sozinho “caramba, que saudade do Jão”. É bom estar no mesmo ambiente que ele, mesmo que não troquemos palavras diretas.

Mateus sem a letra H no nome, esse é o moço que veio conversar comigo no Facebook assim que soubemos que havíamos entrado no curso. Ele parecia um cara reservado, mas que já senti uma enorme simpatia quando fui percebendo que compartilhávamos de gostos muito parecidos<sup>3</sup>. Esse homem elegante é portador de um futuro brilhante, disso não possuo dúvidas. Pode até mesmo ser que esse futuro fale alguma língua germânica.

Geovan, o que dizer desse homem que possui uma voz tão espetacular e um gênio incomparável? Não me esqueço da primeira vez que conversamos, enquanto voltávamos do CDHIS na primeira visita ao local. A empolgação dele era verdadeira, e o é até hoje. Como esse rapaz consegue se manter alegre e tão firme em seus sonhos, só Deus sabe. Fato é que eu nunca imaginei que um dia moraria com ele e que esses seriam dias de um tamanho inestimável para a minha existência. Geovan me ensinou o que é limpar a casa de verdade (apesar de eu ainda falhar muitas vezes), e ele dá broncas como ninguém. Esse homem é outro que tem um futuro pela frente, e que absolutamente nada e nem ninguém pode o parar. E nesse parágrafo não hei de deixar de falar daquele cujo nome não sai da cabeça de ninguém: Guto. Gustavo Diego (ou pode ser Gustavo Jorge) é o nome desse garoto. Dividir a casa com ele é sem dúvidas, uma experiência que eu não me arrependo, ele é uma pessoa tranquila, mas cômica de um jeito incomparável.

Márcio, Marcim, Marssofi. O que dizer de um homem que cresceu tanto nestes últimos cinco anos e que é, talvez, uma das pessoas mais frescurentas que eu conheço? Não posso deixar de dizer que eu amo esse homem e que venero sua organização e a maneira que ele leva a vida. Esse rapaz sabe dar valor para as coisas mínimas (é o maior lambedor de embalagens, digno de passagem) e um grande apreciador de hamburguerias. Se tem uma coisa que me deixa muito feliz ultimamente, foi de

---

<sup>3</sup> É necessário apontar que até mesmo nossos vídeos recomendados do Youtube são parecidos.



ter me aproximado tanto dessa pessoa. Vou enrolar mais um pouco para chegar nas oito linhas, pois Márcio disse que eram necessárias oito linhas.

Falei do Marssim e agora preciso, necessito, tenho a obrigatoriedade de falar dela, uma pessoa chave nessa fase da minha vida e que fez parte de uma Santíssima Trindade. É ela, Debs, ou como não gosta de ser chamada, Débora. O que sextas-feiras em uma sacada, com conversas jogadas fora, umas latinhas de cerveja e um cheiro de bolo assando no forno não fazem com uma dupla de amigos? Débs e eu nos aproximamos, nos tornamos “os solteiros do rolê”. Eu mal possuo palavras para descrever essa mulher forte e maravilhosa (em todos os sentidos) que ela é (mas também é frescurenta, vale salientar). Ela sofre para me aguentar na casa dela, eu sei. E foi para a casa de Debs que chegou a Lulu Papagaia<sup>4</sup>, Luísa Marino, pessoa simplesmente maravilhosa que entrou nas nossas vidas para não sair mais. Ela é meio estourada, sabemos, mas a amamos. Luísa se tornou em uma das minhas melhores amigas e não foi à toa.

Nesses agradecimentos, se um nome não pode faltar, é o do meu cearense favorito deste mundo. Igor é seu nome, um poeta do sertão que renega tal nomenclatura. Eu entendo que geografia não serve para nada, mas ele segue por esse caminho<sup>5</sup>. Igor é uma pessoa extremamente diferente de mim, suporta dolorosos dias sem minhas respostas na internet, sabe que eu não dou conta de beber a mesma quantidade de cerveja que ele, mas que mesmo assim ainda me ama. Como não posso eu, amar tal homem? O sertão é seu, o país é seu!

Karolaine Fonseca ganha aqui um enorme carinho. Essa pessoinha me acompanhou por um bom tempo por difíceis momentos (e outros não tão difíceis também). É uma pessoa que me ensinou muito com a vida e com as diferenças entre nós, que por vezes eram motivos de risadas e descontração.

Não economizo palavras em agradecimentos e nem deveria. E se tem alguém que é impecável em não economizar palavras, esse alguém é o Pedro Henrique. Esse menino demora para se alimentar e também para falar sobre sua pesquisa, mas é um companheiro sem igual. Eu amo esse rapaz. Pepeu é outra pessoa que chegou em nossas vidas para brilhar. Não existe um único dia em que eu passe ao lado dele sem dar no mínimo uma risada, mesmo que esteja em um dia triste. Lets, Letícia Leandro, também chegou nas nossas vidas com tudo. A Letícia é aquela pessoa que você avista e pensa “uau!”, e olha, se alguém vai longe nessa vida científica, essa é a pessoa. Hei de agradecer também à Marísia,

---

<sup>4</sup> Isso terá um custo.

<sup>5</sup> Eu estou só brincando, geografia é importante. E fiz essa nota de rodapé porque sei que você as odeia.

minha companheira de batalha que, nesses últimos dias para a entrega da monografia, nos aproximamos para chorarmos juntos os perrengues. Kathleen vai se meter para Portugal, essa mulher é solta e ai de quem tentar segurá-la. Se quiser debater algum tema político maneiro, ou sobre coisas fofinhas e vídeos de animais, a Kath é a pessoa. Não deixo de citar também a Mafê, essa mineira arretada que é simplesmente a melhor contadora de causos que já vi na minha vida e que sempre que está no recinto, me tira enormes risadas.

Agradeço à CAPES, que graças à projetos educacionais, me proporcionou ótimas experiências nas escolas e um dinheirinho para comprar fichas para o Restaurante Universitário. Não posso deixar de agradecer o RU, que por cinco anos me manteve de barriguinha cheia por míseros três reais a refeição. Sou grato também às professoras Ana Paula Spini, Daniela Silveira Magalhães e Ana Flávia Cernic, que basicamente me ensinaram a escrever academicamente e como pesquisar. Não deixarei de agradecer também à Comissão da Verdade Ismene Mendes, que me proporcionou uma experiência da qual eu irei eternamente me orgulhar.

Terminarei esses longos agradecimentos, agradecendo meus cães, o Fedido e a Saori, e o meu Jabuti, Donatelo. Abro espaço também para deixar registrada minha saudade para com a Godofreda e o Luke, meus primeiros cães. Eu simplesmente não existo sem animaizinhos por perto.

## **Resumo**

*O Chamado de Cthulhu* é um conto publicado pelo estadunidense escritor Howard Philips Lovecraft em 1928, e que se tornou no símbolo do que viria ser o horror no século XX e XXI a partir desse momento. O tempo de reverberação desse autor se tornou em algo muito simbólico para alguns nomes prodigiosos dos dias atuais, como Neil Gaiman ou Guillermo Del Toro. Entretanto, Lovecraft escreve alguns de seus contos com um expressivo racismo e uma virulenta xenofobia e, por vezes, não é lembrado por isso. Procuraremos então com essa monografia, analisar como esse caráter racista é discutido por alguns de seus seguidores e biógrafos. Em seguida, faremos uma análise do conto *O Horror em Red Hook*, onde compreenderemos como o ódio de Lovecraft aos orientais nesse conto é transformado em um elemento importantíssimo para a criação de uma atmosfera de horror.

**Palavras-chave:** Literatura Fantástica; Racismo; Xenofobia; Lovecraft.

**Abstract:**

*Call of Cthulhu* is a tale published by the American writer Howard Philips Lovecraft in 1928, which became a symbol of what would become horror in the twentieth and twenty-first centuries. This author's reverberation time has become very symbolic for some prodigious names today, like Neil Gaiman and Guillermo Del Toro. However, Lovecraft writes his tales using an expressive racism and virulent xenophobia, and sometimes he is not remembered for doing it. In the monograph we look to analyze how is this racism discussed by some of Lovecraft's followers and biographers. Then we are going to analyze the tale *Horror in Red Hook*, which we comprehend how Lovecraft's hate to oriental people in this tale transforms in a key element to the creation of an atmospheric horror.

**Key words:** Fantastic Literature; Racism; Xenophobia; Lovecraft;

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO:</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1: O INSÓLITO ÓDIO AO DIFERENTE:</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1: UMA DEMOCRACIA RACIAL BRANCA:</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2: O ALCANCE DOS TENTÁCULOS DE CTHULHU:</b> .....	<b>17</b>
<b>1.3: CAMINHANDO ENTRE ESQUÁLIDAS LINHAS:</b> .....	<b>23</b>
<b>1.4: O INEXORÁVEL CULTO AO RACISTA:</b> .....	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 2 - O MUNDO SE DESPEDAÇA: UM HORROR BASEADO NO FIM DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL MOVIDO PELA MISCIGENAÇÃO.</b> .....	<b>29</b>
<b>2.1 – O MIASMA CIVILIZATÓRIO:</b> .....	<b>29</b>
<b>2.2: OS HEDIONDOS PILARES DO HORROR:</b> .....	<b>33</b>
<b>2.3: O VERDADEIRO HORROR DE RED HOOK:</b> .....	<b>35</b>
<b>CONCLUSÃO:</b> .....	<b>43</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>45</b>

## **Introdução:**

A literatura é marcada por grandes nomes de homens e mulheres que, em seu tempo e espaço, conseguiram criar algum tipo de característica que perpassou por várias outras gerações de literatos. Nomes que na realidade não se resumiram em apenas um campo das artes, sendo transfigurados por terceiros para outros gêneros como o cinema ou a música. O que seriam dos filmes de suspense dos dias atuais se não tivessem existido os romancistas góticos do século XIX?

Escritores que foram importantes para todo um gênero literário, como foi Edgar Allan Poe para o que viria a ser o terror no século XX, são não somente explorados dentro do mundo artístico, mas também no âmbito acadêmico, onde eles se tornam o foco de debates em torno de diversos temas diferentes. O problema ocorre quando um escritor não é (ou pouco o é) tão associado com alguma característica ética negativa que possa ser encontrada em sua obra.

O brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) se tornou numa célebre entidade na literatura infantil brasileira, sendo ele o autor de Sítio do Pica-Pau Amarelo. Porém, no século XXI o seu nome ganhou destaque por discussões que envolviam o racismo que o escritor conservador transferiu para sua literatura. Monteiro Lobato é hoje visto como um homem que foi sim, importantíssimo para a literatura infantil brasileira, mas é acompanhado de críticas ao fato de ter sido racista. Ele era um homem de seu tempo, mas em seu tempo também existiam pessoas que estavam a lutar contra o racismo.

Essa monografia irá se deparar com uma problemática parecida, que envolve um dos maiores nomes da literatura de horror do século XX, Howard Philips Lovecraft. Ele é lembrado mesmo por pessoas que nunca tiveram contato com seus contos, mas não é conhecido pelo seu virulento racismo que não apenas era transcrito para suas cartas no âmbito privado, mas também fazia parte de sua literatura. O trabalho para reviver a memória de um sentimento tão odioso vindo de um nome tão importante na literatura se coloca como necessário, especialmente em tempos onde pessoas acreditam que o racismo fora superado, mas que na realidade, ele continua bem ali, tão escancarado na realidade quanto em alguns contos de Lovecraft. Enxergar isso é uma questão de escolha.

O primeiro capítulo desse trabalho visa fazer uma investigação em torno do campo de influência da obra de H.P. Lovecraft sobre escritores e diretores de cinema que fizeram sucesso após a segunda metade do século XX. Procuraremos entender principalmente qual é o tipo de relação que

essas pessoas possuem quanto às obras no que condiz ao teor racista. Eles possuem alguma preocupação com o fato de Lovecraft escrever com base em tanto ódio?

Quanto ao segundo capítulo, este trará questionamentos em torno do estilo da escrita e da criação de narrativas de H.P. Lovecraft. Procuramos analisar de que maneira o racismo e a xenofobia vão além de um mero caráter descritivo na narrativa, se tornando na realidade, parte da criação do horror por parte do escritor. Observaremos que a miscigenação no conto *Horror em Red Hook* é parte essencial da criação de um terror atmosférico, ou seja, o escritor se utilizou de seu ódio como uma ferramenta para atingir seus objetivos literários.

A principal fonte utilizada para este capítulo, o conto *Horror em Red Hook*, fora analisada como sendo um documento que traz consigo interpretações acerca do mundo por parte de seu escritor. Nele, encontraremos trechos preconceituosos e muito problemáticos, que nos ajudam a compreender a forma que Lovecraft, um conservador da década de 1920 entende o mundo e quais são seus medos referentes à sociedade em que vive.

## **Capítulo 1: O insólito ódio ao diferente:**

Um escritor xenófobo que expunha seu ódio com orgulho nas entrelinhas de seus contos e que chegou a ficar muito mal psicologicamente por morar em uma cidade cheia de imigrantes. Howard Philips Lovecraft foi um escritor controverso que em vida não atingiu a fama, mas que deixou seu legado cunhado na literatura de horror. Fama essa que disparou para o sucesso, mas que não levou na bagagem todas as controvérsias do escritor. Questionaremos neste capítulo a maneira como alguns grandes escritores da nossa contemporaneidade enxergam H.P. Lovecraft, enquanto exploramos a explicitude de seu ódio racial dentro de algumas obras.

Com base nesse questionamento, procuraremos conhecer o pensamento de alguns grandes nomes do horror cinematográfico e literário em torno daquilo que defendia Lovecraft. Se essas pessoas dão algum tipo de importância em ressaltar que o escritor que vos serve de influência é racista, ou se, de alguma forma, tentam passar por cima desse tipo de informação, chegando ao ponto de ignorá-la. A explicitude do ódio de Howard Philips Lovecraft está marcada em sua literatura, mas a mesma não acompanha a fama do nome desse escritor com tamanha frequência.

## 1.1: Uma democracia racial branca:

Os Estados Unidos da América no início do século XX se encontravam resolvendo um processo que há pouco, na segunda metade do século XIX, lhes havia sido custoso tanto em vidas, quanto na política e na economia. A Guerra da Secessão, ou Guerra Civil dos Estados Unidos, teve o seu fim em meados da década de 1860, e alcançada a vitória dos Estados do Norte, o país se encontrava em meio a dilemas políticos e sociais sobre como integrar na política e na sociedade o negro que até então era escravo nos Estados do Sul.

Em meio a muitos embates preconceituosos e de intrigas entre o Sul e o Norte, surgem as leis Jim Crow, que, segundo Fernandes e Morais<sup>6</sup>, eram pautadas pelo princípio de “separados, mas iguais”<sup>7</sup>. Ou seja, a partir de então os negros e os brancos sentariam em lugares diferentes em todos os tipos de espaços, desde assentos em trens, até em cadeiras de restaurantes e teatros. O nome da lei foi baseado em uma canção popular e se refere, na realidade, a dezenas de legislações pautadas nesta separação racial. É nesse contexto que, em 1867, surge a Ku Klux Klan, um grupo que defendia o extermínio das “populações inferiores”<sup>8</sup> e era a executora de linchamentos a negros (e de outros grupos, como chineses, brancos liberais e judeus<sup>9</sup>).

Após a guerra o país passou também por um acelerado crescimento econômico, o que colaborou para atrair milhões de imigrantes europeus e asiáticos. Fernandes e Morais apontam que cerca de 25 milhões de imigrantes entraram nos Estados Unidos entre os anos 1865 e 1915<sup>10</sup>. A maioria desses imigrantes eram ainda jovens e, ao chegarem no país, viviam em situações precárias, se amontoando em cortiços nos centros das cidades, o que gerou várias ondas de doenças e crises sanitárias. O racismo sistemático prejudicava milhões de pessoas, e o termo “raça”, segundo Fernandes e Morais, neste momento significava a existência de supostas diferenças biológicas entre

---

<sup>6</sup> FERNANDES, Luiz Estevam. MORAIS, Marcos Vinicius de. **Os Estados Unidos no século XIX**. In: **A história dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p.145.

<sup>7</sup> Idem, p.145.

<sup>8</sup> Idem, p.146.

<sup>9</sup> Idem, p.146

<sup>10</sup> FERNANDES e MORAIS, op cit, p.178



diferentes etnias. Os povos considerados superiores eram normalmente os brancos vindos da Europa do Norte<sup>11</sup>, e os inferiores eram os não brancos ou os vindos da periferia da Europa.

O sistemático racismo contra os negros atingiu um ápice na década de 1890, quando Estados sulistas passaram a criar legislações (além das Jim Crow) para diminuir a participação dos negros na política. Além disso, os linchamentos eram muito recorrentes, onde negros eram mortos enforcados, carbonizados ou espancados, tudo com consentimento das forças policiais locais. Durante a pesquisa, Fernandes e Morais estimaram que cerca de dois negros eram linchados nos Estados Unidos por semana entre 1889 e 1903<sup>12</sup>. Esse sentimento de ódio contra a pele negra era perpassado pelas várias classes diferentes. Mesmo pessoas brancas que viviam em estado de miséria ainda acreditavam serem superiores aos negros. W.E.B De Bois, intelectual negro do início do século XX, chama esse fenômeno de “salário psicológico”, pois esses brancos pobres compensariam sua miséria socioeconômica por se acharem superiores às pessoas de cor<sup>13</sup>.

## 1.2: O alcance dos tentáculos de Cthulhu:

Ao proclamarmos o nome de Howard Philips Lovecraft, ou apenas seu sobrenome Lovecraft, frente a alguém que possua minimamente algum tipo de contato com a literatura de horror ou da ficção científica, a resposta imediata provável que nos será retornada tratará de mencionar que este autor é o criador do deus Cthulhu<sup>14</sup> (e neste momento nos depararemos com diversos tipos de pronúncias feitas em torno desta mesma nomenclatura, e nenhuma delas está incorreta). Cthulhu, cujo o nome foi pensado como digno da não-compreensão humana e, por conseguinte, impronunciável, se tornou no maior símbolo lovecraftiano, emprestando seu nome a uma música da banda *Metallica*<sup>15</sup> e também aparecendo no lúdico mundo dos jogos.

Lovecraft nasceu na cidade de Providence, localizada no estado de Rhode Island, Estados Unidos, no ano de 1890. Por toda sua infância fez bom proveito da enorme biblioteca que seu avô, um empresário bem-sucedido, dispusera em sua casa. Sendo assim, desde cedo Howard teve contato

---

<sup>11</sup> Idem, p.179

<sup>12</sup> Idem, p.181

<sup>13</sup> Idem, p.181

<sup>14</sup> LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018.

<sup>15</sup> METALLICA. **Call of Ktulu**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t1RTgznup5c>>. Acesso em 17 de outubro de 2019.

com a literatura, o que levou a começar a escrever alguns poemas quando criança e posteriormente contos na adolescência. Sua maior influência, cujos frutos podemos colher nas obras lovecraftianas, foi Edgar Allan Poe, romancista gótico estadunidense. É durante a década de 1920, quando Lovecraft se encontrava na casa de seus trinta anos, que se dará o maior período de escrita deste autor, quando ele começará a escrever seus contos para serem publicados em revistas *pulp*<sup>16</sup>, que eram bastante populares em Nova York, principalmente a *Weird Tales*.

Anteriormente, ao nos referimos ao mundo dos jogos, estamos tanto tratando daqueles de tabuleiro, que por vezes se tornam os protagonistas de reuniões entre jovens *nerds*, quanto dos jogos eletrônicos (ou *games*), que vêm se utilizando do nome e de referências lovecraftianas com certa frequência em suas produções nos dias atuais. Podemos tomar por exemplos, o jogo *Sinking City*, lançado em junho de 2019 e *Call of Cthulhu*, lançado em outubro de 2018. Ambos os jogos se utilizam da mitologia criada em torno das obras de Lovecraft, o apelidado de *Cthulhu Mythos*<sup>17</sup>. Embora esses títulos citados sejam muito recentes, dezenas de outros *games* já se utilizaram de características do horror cósmico ou, como estes citados, se utilizaram direta ou indiretamente da mitologia lovecraftiana.

Quanto aos jogos de tabuleiro e RPGs<sup>18</sup>, foram esses os principais meios pelos quais Lovecraft apareceu no linguajar jovem durante a década de 1980, funcionando como uma porta de acesso à literatura de horror (e neste caso em especial, ao próprio H.P. Lovecraft<sup>19</sup>) para muitas pessoas. O primeiro RPG de mistério e suspense que se utilizava do “*Cthulhu Mythos*” foi *Call of Cthulhu*, da empresa *Chaosium*, lançado em 1981<sup>20</sup>. Após o sucesso, várias outras edições do jogo foram lançadas até os dias atuais.

Escritores e diretores consagrados buscaram inspirações em Lovecraft, como Stephen King, John Carpenter ou Guillermo Del Toro. Criaturas mórbidas e bizarras que causam medo não somente

---

<sup>16</sup> Revistas de caráter popular nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX. Mais informações serão trazidas adiante.

<sup>17</sup> Podemos compreender o *Cthulhu Mythos* como uma mitologia criada em torno de várias obras de Lovecraft e suas criaturas alienígenas. Por mais que o autor faça correlações entre seus contos, ele nunca mencionou diretamente o nome *Cthulhu Mythos*, que foi criada posterior à sua morte.

<sup>18</sup> Os Role-Playing Games são jogos baseados em uma interpretação de papéis dentro de uma narrativa.

<sup>19</sup> O escritor Michel Houellebecq nota essa característica “não muito literária” de Lovecraft, sendo o autor conhecido por vários outros meios, como poderemos observar mais à frente.

<sup>20</sup> Informação encontrada no site oficial da empresa: <<https://www.chaosium.com/on-call-of-cthulhu>>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

pela sua feiura inexplicável e repugnante<sup>21</sup>, mas também pelo fato de serem desconhecidas e impossíveis de serem compreendidas racionalmente são características que o aristocrata de Providence<sup>22</sup> imbuíu ao mundo do horror. A insanidade também consistia em uma parte concreta de seus contos, como aponta Stephen King:

“Lovecraft era apaixonado pelo terror da geometria errônea; escrevia sempre a respeito de ângulos não euclidianos que torturavam o olho e feriam a mente, e sugeria outras dimensões, em que a soma de três ângulos do triângulo poderia totalizar um pouco mais ou menos que 180 graus. Contemplar esse tipo de coisa, sugeria ele, poderia ser suficiente para levar um homem à loucura”.<sup>23</sup>

Vários personagens (protagonistas ou não) atingem o nível da insanidade por saberem demais, por terem adentrado no jogo contra o universo<sup>24</sup>. O universo é infinito, a capacidade cognitiva e racional humana, não. Lovecraft se pautava nisso para descrever a infinitude de suas insólitas criaturas. A descrição de espaços geográficos era feita de forma impecável pelo autor, sendo esta uma forte característica dos contos lovecraftianos, o que nos aprofunda em uma artificial atmosfera niilista e caótica. O autor se utiliza dessa ferramenta com maestria até mesmo ao descrever locais que são fisicamente impossíveis de existir, como mencionado por King. Podemos observar isso no conto “*O Chamado de Cthulhu*”:

“O próprio Sol parecia distorcido quando visto através do miasma polarizador que jorrava da perversão encharcada de mar, e um misto de ameaça e suspense espreitavam de esguelha esses enganosos ângulos de pedra talhada, que num primeiro olhar se mostravam côncavos e no momento seguinte, convexos”<sup>25</sup>.

O horror é apresentado nas entrelinhas, na maneira em que o autor descreve os lugares, os acontecimentos e os monstros. Podemos encontrar no trecho acima esse tipo de escrita que permite ao conto construir um atenuado sentimento de estranheza e dúvida na cabeça do leitor por meio de uma construção que parece ter sido feita sem a utilização de esquadros. Mais à frente veremos que Lovecraft vai além com esse tipo de descrição, passando de sua fértil e odiosa mente, sua xenofobia

---

<sup>21</sup> Uma forte característica da escrita de H.P. Lovecraft é o abuso na descrição espacial e de suas criaturas. Ele exacerbava suas deidades com nefastos mínimos detalhes, momento em que leitores quebram a cabeça ao tentar juntar as peças e imaginar tais grotescas entidades, o que por vezes pode nos deixar confusos.

<sup>22</sup> Cidade em que H.P. Lovecraft nasceu.

<sup>23</sup> KING, Stephen. **Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero**. Tradução de Louisa Ibañes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, pp. 256.

<sup>24</sup> Como poderemos observar no segundo capítulo dessa monografia, com o conto *Horror em Red Hook*.

<sup>25</sup> LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018, pp. 63.

desvelada para o papel. O mesmo tipo de descrição será feita para tentar explicar imigrantes e pessoas de pele negra em diferentes contos.

Howard Philips Lovecraft era um amante do horror atmosférico de Edgar Alan Poe, bem como um grande apreciador das deidades fantásticas de Lord Dunsany<sup>26</sup> e, por vezes, cita Arthur Machen ou Algernon Blackwood. As pinturas de Gustave Doré são citadas algumas vezes em suas narrativas enquanto tenta descrever a bizarrice de um ambiente ou uma situação. Entretanto, a maior influência a Lovecraft era, sem dúvida alguma, o universo. O escritor carregava consigo o amor pela astronomia e com ela uma lógica que transportara de sua mente para o papel, sendo esta a da irrelevância, impotência e insignificância do ser humano quanto à vastidão do universo como conhecemos (ou desconhecemos).

As criaturas que encontramos dentro das narrativas de Lovecraft não possuem necessidade alguma de coexistirem com o ser humano. Elas já existem há bilhões de anos, surgidas nos confins do espaço e vindo parar no planeta Terra por acaso, tendo de dividir o espaço com a humanidade. Ademais, o ser humano é ínfimo perante à natureza e dono de uma capacidade racional extremamente findável, totalmente impotente quanto à compreensão do mundo em que vive. É devido a isso que se torna um clichê, de certa maneira, encontrarmos personagens sucumbindo à insanidade dentro das histórias realistas de Lovecraft, resultando em suicídios, cartas narrativas em primeira pessoa, desaparecimentos e alucinações, tudo isso após extenuantes investigações que parecem ter sido retiradas diretamente de romances góticos do século XIX.

E, embora em muitas vezes nós leitores saibamos da existência dessas criaturas tão hediondas antes mesmo de chegarmos nas páginas finais, o que normalmente há de causar tensão enquanto lemos Lovecraft é, de fato, essa estranha atmosfera que nos faz caminhar sobre um vasto terreno envolto pela escuridão. O desconhecido é uma palavra-chave no que condiz à escrita do autor, e ele mesmo demonstra esse interesse em seu livro “O Horror Sobrenatural na Literatura”:

“A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão esses fatos, e a sua verdade admitida deve firmar para sempre a autenticidade e dignidade das narrações fantásticas de horror como forma literária”.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Edward J.P. Dunsany (1878 – 1957) foi romancista e criador de uma cosmogonia que influenciou H.P. Lovecraft na criação de suas deidades.

<sup>27</sup> LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018, pp. 10.

O medo do desconhecido será utilizado com enorme proeza por H.P. Lovecraft, que trará contos investigativos e com base em algo que o ser humano talvez nunca irá conhecer por completo: o universo em que vive. Por vezes, personagens perdem a sanidade em contos, simplesmente por cederem à essa sede pelo conhecimento movido pela razão. Lovecraft gosta de explorar essa urge humana pelo conhecimento e, com rigor, coloca esse sentimento contra os próprios personagens e a humanidade.

Embora tenha atingido tamanho sucesso, H.P. Lovecraft não pôde desfrutar financeiramente e emocionalmente de sua fama. Seu reconhecimento surgiu apenas após seu falecimento, e sua vida enquanto escritor não o permitia viver cheio de mordomias como ocorrera durante sua infância aristocrática. As obras de Lovecraft eram lançadas em edições de revistas *Pulp*, mais especificamente na revista *Weird Tales*, também responsável pelas publicações de E. Howard, criador de Conan, o Bárbaro.

A *Weird Tales* surgiu em 1923 e pautava-se em lançar contos “estranhos” que não eram publicados em outras *pulp magazines* da época, sendo uma grande propagadora da ficção científica e de contos góticos. Eles não somente publicavam estórias de autores contemporâneos, como também de literatos do passado, vide H.G. Wells, Bram Stoker, Mary Shelley e Edgar Alan Poe. É interessante aqui ressaltar a arte de capa da revista, que abusava sem preocupação alguma, de imagens de mulheres seminuas e em apuros, o que colaborava com o angariar da atenção de transeuntes nas bancas literárias e tabacarias onde eram vendidas<sup>28</sup>.

Segundo Anabela Mateus<sup>29</sup>, as *pulp magazines* teriam surgido na última década do século XIX como uma alternativa extremamente popular das revistas que eram elitistas e destinadas à uma alta casta da sociedade. Elas foram antecidas pelas *Dime Novels*, que eram dedicadas às populações mais pobres de trabalhadores e imigrantes. As *pulp magazines* traziam consigo narrativas de fácil entendimento e com muitos conteúdos gráficos, como quadrinhos, servindo como uma forma de escape para a população pobre e que passava dificuldades nos Estados Unidos<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> É curioso o fato de que Lovecraft, enquanto se colocava como um *gentleman* a ser respeitado e que acreditava na alta cultura como sendo a representação vinda de uma sociedade civilizada, tinha como meio de publicação de seus contos uma revista *pulp*, de caráter deveras popular e com ilustrações de capa um tanto quanto desafiadores para os padrões de época.

<sup>29</sup> MATEUS, Anabela. **As pulp magazines**. Babilônia, n°5, p. 57 – 65, 2007.

<sup>30</sup> MATEUS, op cit, pp. 60.

Sendo assim, é neste meio da ficção científica, contos góticos e jornadas odisséicas que Lovecraft encontrava o seu reduto. A *Weird Tales* pode ou não ter sido algo simbólico ou valoroso para Lovecraft, tendo-se em vista que ele se entendia como um escritor da mais alta classe literária, entretanto, dentro do momento em que ele se encontrava em sua vida financeira e de muito pouca fama, a revista se tratava do sustento. Sustento de um homem que crescera em um ambiente aristocrático e que vira sua família ficar pobre após a falência financeira de seu avô.

Ademais, o dinheiro era necessário para lhe proporcionar uma vida que fosse digna do homem civilizado a que tanto prezava em pleno século XX. Lovecraft era um homem que concordava piamente com uma visão positivista que traçava demarcações muito claras entre civilização e barbárie. De nada seria apazível a H.P. Lovecraft viver na mesma classe social daqueles que ele julgava serem inferiores e selvagens. Quem dirá morar nas proximidades dos mesmos<sup>31</sup>. Fato é que seu racismo ecoa de forma alta e clara dentro de suas obras, e se expõe mais ainda em suas cartas<sup>32</sup>. Além disso, o biógrafo S.T. Joshi aponta que:

“To the end of his life Lovecraft retained a belief in the biological (as opposed to cultural) inferiority of blacks, and maintained that as a strict colour line must be enforced in order to prevent miscegenation”<sup>33</sup>.

Segundo S.T. Joshi, Lovecraft se mantivera racista até o fim de sua vida, acreditando religiosamente em uma hierarquia biológica de raças, onde o arianismo dos germânicos e anglo-saxões prevalecia no topo, sendo também os maiores exemplos de civilização. Ele se pautava em teorias pré-darwinistas que passaram a ser utilizadas entre o fim do século XIX e início do XX que pautavam na inferioridade biológica do negro e na superioridade do caucasiano<sup>34</sup>.

Chegamos então a uma questão: se sabemos que Howard Philips Lovecraft era um racista esclarecido e muito bem articulado quanto a isso, defendendo ideias arianas com base no racismo científico, como ocorreu o seu sucesso dentre literatos posteriores e continua sendo tão aclamado até os dias de hoje, momento este em que sua visão intolerante de mundo seria duramente criticada

---

<sup>31</sup> A repugnância sentida por Lovecraft quanto aos bairros de baixa renda aonde se reside negros e imigrantes fica tão clara quanto o raiar do Sol em seu conto “Horror em Red Hook”. Em “A sombra sobre Innsmouth” também podemos observar um conteúdo um tanto quanto metafórico ao serem descritos os seres híbridos que nascem como humanos, mas que com o passar do tempo sofrem modificações físicas que os tornam em aberrações.

<sup>32</sup> JOSHI, S.T.. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013.

<sup>33</sup> “Até o fim de sua vida, Lovecraft reteve uma crença na inferioridade biológica (como oposição ao cultural) dos negros, mantendo a ideia de que uma estrita linha de cor deve manter a ordem e prevenir a miscigenação”. JOSHI, S.T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 2541.

<sup>34</sup> Idem, posição 2545.

(especialmente dentro de uma lógica mercadológica, como onde se inseria a *Weird Tales* na década de 1920)?

### 1.3: Caminhando entre esquálidas linhas:

O conto “*Horror em Red Hook*”, será utilizado no próximo capítulo para compreendermos não somente como o literato descreve as massas de imigrantes negros e asiáticos, mas também como ele enxergava o impacto dos mesmos em sua sociedade civilizada. Lovecraft já era muito bem posicionado desde sua adolescência, quando escrevia poemas simpáticos aos confederados que lutaram na Guerra Civil dos Estados Unidos<sup>35</sup>. E embora “*Horror em Red Hook*” seja um enorme exemplo de como o autor era agressivo em suas descrições, podemos também nos utilizar de passagens encontradas em seu conto mais famoso, “*O Chamado de Cthulhu*”:

“Os prisioneiros provaram todos serem mestiços ordinários e aberrações mentais. A maioria era de marinheiros, alguns negros e mulatos, em grande parte dos caribenhos ou portugueses de Cabo Verde [...]; ficou evidente que algo muito mais profundo e antigo do que fetichismo negro estava envolvido.”<sup>36</sup>

Encontramos claramente nesta passagem o primitivismo no qual Lovecraft coloca os negros africanos (de Cabo Verde) e latino-americanos. E esta não se trata da única vez em que o autor é racista dentro deste conto. Ele também se refere aos cultistas<sup>37</sup> como “crias híbridas”<sup>38</sup>, que enquanto cultuavam, tocavam tambores e vociferavam floresta adentro, em uma terra “notadamente desconhecida e inexplorada por homens brancos”<sup>39</sup>. É necessário apontar que entre os cultistas, nenhum era branco, cabendo apenas aos negros este papel de “primitivos” que cantavam em prol de uma entidade maligna.

Lovecraft não hesitava em defender suas ideias xenófobas, racistas e antissemitas. Segundo Joshi<sup>40</sup>, o literato possuía uma fama de antissemita desde os tempos de escola e fazia questão de

---

<sup>35</sup> JOSHI, op cit, posição 2573.

<sup>36</sup> LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018, pp. 40.

<sup>37</sup> Este trecho se refere a prisioneiros capturados pela polícia enquanto faziam um culto à Cthulhu, onde foram encontrados partes de corpos de pessoas desaparecidas.

<sup>38</sup> Idem, pp. 39.

<sup>39</sup> Idem, pp. 37.

<sup>40</sup> JOSHI, S.T.. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 2541.

guardar certo orgulho de tal pensamento. Ele não só teria conquistado essa fama de alguma sórdida maneira, como também adquirira sua aversão aos judeus nestes tempos de escola, como podemos observar na seguinte passagem retirada de uma carta por ele mesmo escrita:

“But Hope Street is near enough to the ‘North End’ to have a considerable Jewish attendance. It was there that I formed my ineradicable aversion to the Semitic race. The Jews were brilliant in their classes – calculating and schemingly brilliant – but their ideals were sordid and their manners coarse. I became rather well known as anti-Semite before I had been at Hope Street many days”<sup>41</sup>.

É inquestionável o fato de Lovecraft ser um xenófobo racista dentro da classe intelectual estadunidense nos primórdios do século XX. S.T. Joshi, em “*I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft*”, escreve que é possível que o literato nunca tenha tido algum tipo de contato com a insurgente literatura negra do início do século<sup>42</sup>, que estava ascendendo em contraposição aos editoriais racistas que até então, pregavam pela inferioridade do negro perante o branco<sup>43</sup>.

Entretanto, Lovecraft estava por dentro das discussões entre os conservadores sobre questões raciais. Durante a década de 1910, o literato publicava suas críticas em jornais conservadores (inclusive no seu próprio periódico, o “*The Conservative*”)<sup>44</sup>, críticas estas que atacavam quaisquer argumentos em prol da igualdade racial e que defendiam que a miscigenação abria caminho para a decadência da sociedade civilizada. Em contrapartida ao distanciamento de obras escritas por autores negros, o mesmo não ocorria quanto aos que escreviam obras racistas. Lovecraft lia teóricos de seu tempo que propagavam a eugenia, além de ler novelas racistas, bem como “*The Clansman*”<sup>45</sup>, na qual fora baseado o filme “*The Birth of a Nation*”<sup>46</sup>.

Os posicionamentos reacionários de Lovecraft aparentemente não prejudicaram o seu póstumo sucesso pelo restante do século XX. Amigos íntimos<sup>47</sup> do autor fizeram as primeiras publicações de coletâneas com seus contos, através da editora por eles criada, *Arkham House Publishers*. Novas edições foram feitas e com elas surgiram os prefácios indicando e alertando ao

---

<sup>41</sup> “Mas a rua Hope é perto o bastante do ‘Extremo Norte’ para ter uma presença considerável de judeus. Foi quando formei minha ineradicável aversão à raça semita. Os judeus eram brilhantes em suas aulas – calculistas e arditamente brilhantes – mas seus ideais eram sórdidos e suas maneiras grosseiras. Me tornei bastante conhecido como um antissemita antes de completar muitos dias na rua Hope”. Idem, posição 2528.

<sup>42</sup> Produções de autores como W.E.B. Du Bois e Paul Laurence Dunbar.

<sup>43</sup> Idem, posição 2562.

<sup>44</sup> Idem, posição 3533.

<sup>45</sup> Romance histórico escrito por Thomas Dixon Jr., que enaltece a Ku Klux Klan.

<sup>46</sup> Idem, posição 2559.

<sup>47</sup> Os escritores August Derleth e Donald Wandrei, criadores da Arkham House Publishers, também eram escritores e trabalharam juntamente a H.P. Lovecraft.



leitor que em breve o mesmo há de se deparar com passagens racistas, como na coletânea da editora Chronos, onde é lançada uma “nota do editor” trazendo o seguinte aviso:

“Neste ambiente coexistem a atmosfera tenebrosa, que provoca tensão e agonia, e a atmosfera preconceituosa, que no mínimo vai provocar estranheza no leitor desavisado. Não há um esforço particular do autor para mitigar as passagens que contém declarações de natureza racista e xenofóbica, e sua explicitude provavelmente provoca mais desconforto quanto mais distante a leitura se torna do período em que os contos foram escritos.”<sup>48</sup>

O editor nesta nota aponta não somente a ocorrência de passagens preconceituosas dentro dos contos, já preparando os leitores “desavisados” para o que está por vir, como também apresenta um teor histórico ao dizer que o desconforto se torna mais expressivo ao passo em que a leitura se torna mais distante do tempo em que H.P. Lovecraft escrevera suas narrativas. O que temos aqui não é uma mera função matemática em detrimento do tempo, agindo como que de forma natural; o racismo é criticado com veemência nos dias de hoje, de fato, e isso ocorre em detrimento do suor e sangue derramado por movimentos sociais e culturais negros. Entretanto, não podemos compreender o exacerbado racismo de Lovecraft como algo aceitável mesmo quando estamos tratando da década de 1920.

O editor dá continuidade ao aviso explicando de que maneiras o racismo é escrito nas obras:

“Ao escritor incomodava a descaracterização das paisagens e dos costumes que tanto queria preservar, e ele atribuía uma decadência generalizada, entre outras coisas, à presença cada vez mais próxima de pessoas de diferentes etnias. Suas histórias apresentam, muitas vezes, indígenas, negros, mestiços, ciganos e imigrantes de várias origens de forma pejorativa.”<sup>49</sup>

Nota-se uma preocupação da Editora Chronos em contextualizar e preparar o leitor sobre o que está por vir, deixando-se claro o fato de que o racismo é indissociável da obra de H.P. Lovecraft, e ao fim, deixando à critério do leitor o tratamento que o mesmo dará às narrativas e suas descrições estereotipadas e preconceituosas. Esse prefácio se torna um exemplo de como os contos deste autor devem ser introduzidos, não possibilitando que o ódio racial passe gratuitamente, sem ressalva alguma, para o leitor que muitas vezes pode estar desavisado.

---

<sup>48</sup> LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018, pp. 7-8.

<sup>49</sup> Idem, p. 8.

Howard Philips Lovecraft atingiu uma fama que vai muito além de sua literatura, o que permite que muitas pessoas conheçam o seu nome e até certo ponto, seus contos e deidades, mas sem ter tido contato algum com os livros. Como aponta Houellebecq:

“I wrote at the time that there was something ‘not very literary’ about Lovecraft. Since then I’ve had a bizarre confirmation of this. In the course of book-signings, from time to time, young people come to ask me to sign the book. They have discovered Lovecraft through the intermediary of role-playing games or CD-Roms. They haven’t read him, and haven’t any intention to do so.”<sup>50</sup>

Michel Houellebecq, um escritor francês, é autor de um livro intitulado “*H.P. Lovecraft: against the world, against life*”<sup>51</sup>, no qual propõe que a literatura lovecraftiana não possui meras passagens racistas, mas sim uma construção baseada no medo. Medo este gerado pelo fato de que ele (Lovecraft) viveu a maior parte de sua vida sob péssimas condições financeiras (especialmente durante o tempo que viveu em Nova York), e aqueles a quem ele considerava inferiores, como negros e mestiços, eram agora seus vizinhos e até mesmo rivais no mundo capitalista. O recorte acima foi retirado do prefácio de seu livro, onde ele observa a maneira na qual muitos jovens chegavam até ele com um prévio conhecimento sobre Lovecraft mesmo sem ter tido contato direto com contos do autor. Desta maneira, Lovecraft era reconhecido pela mitologia que criou, todavia, a problemática que gira em torno de seu ódio racial não possuía a devida importância e muito menos era reconhecida.

#### **1.4: O inexorável culto ao racista:**

Howard Philips Lovecraft foi um racista assumido e que difamava os grupos que repugnava de maneira inescrupulosa, como foi possível observar até então. Seria deveras estranho se essa sua característica não fosse minimamente discutida entre seus leitores e estudiosos, bem como é feito atualmente. O horror cósmico de Lovecraft construiu pilares na qual o horror como conhecemos atualmente se apoia. O roteiro do renomado filme de Ridley Scott, “*Alien, o Oitavo Passageiro*” nos

---

<sup>50</sup> “Eu escrevi naquela vez que havia algo ‘não muito literário’ em Lovecraft. Desde então eu tive uma bizarra confirmação disso. Durante uma sessão de autógrafos, de tempo em tempo vinham jovens pedir pela minha assinatura. Eles haviam descoberto Lovecraft através de intermediários como jogos de Role-Playing ou de CD-ROM. Eles não leram o autor, e não possuíam intensão alguma de lê-lo”. HOUELLEBECQ, Michel. **H.P. Lovecraft: against the world, against life**. pp. 1. Texto encontrado em: < <https://www.pdf-archive.com/2016/04/11/houellebecq-lovecraft-against-the-world-against-life/>>.

<sup>51</sup> “H.P. Lovecraft: contra o mundo, contra a vida. ”

remete diretamente ao conto “*As Montanhas da Loucura*”, por exemplo; o filme “*The Thing*”, do diretor John Carpenter, também nos remete muito facilmente a este conto. Lovecraft deixou seu legado, e sob desculpas e mea-culpa, seu lado mais obscuro era por vezes deixado de lado.

Sendo S.T. Joshi o maior estudioso em torno da vida de H.P. Lovecraft, por vezes teve de se deparar com os explícitos comentários do escritor, tanto em suas cartas, quanto nos contos. É humanamente impossível a existência da imparcialidade diante de tal fato e, Joshi em “*I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft*”, a biografia mais recente lançada pelo escritor, traz o tema para ser questionado. O que Joshi faz ao colocar o racismo em pauta é apresentar não somente o que estava sendo escrito em prol de ideias racistas enquanto Lovecraft era vivo, mas também o que era escrito contra essas ideias.

Como anteriormente mencionado, Lovecraft tivera contato com a narrativa de “*The Clansman*”, tanto pelo texto original, quanto pela peça (“*The Clansman: an American Drama*”). Em sua biblioteca também foi encontrado o romance “*The Leopard’s Spot*”, do mesmo autor de *Clansman*, Thomas Dixon Jr<sup>52</sup>. Outros escritores conservadores, como Thomas Nelson Page, William Benjamin Smith, Frank Norris e Jack London também contavam na biblioteca de H.P. Lovecraft<sup>53</sup>. Estes textos são escritos no escopo do início da década de 1900, enquanto Lovecraft era um adolescente e estava ainda se formando intelectualmente. Joshi então afirma a naturalidade em encontrarmos intelectuais racistas nos Estados Unidos no início do século XX<sup>54</sup>, mas diz que não faz esse caminho em sua escrita para extenuar o ódio racial de Lovecraft<sup>55</sup>.

Entretanto, as extenuações aos sentimentos odiosos de H.P. Lovecraft são existentes, como podemos observar no documentário “*Lovecraft: fear of the unknown*”<sup>56</sup>. O documentário almeja mostrar quem foi Howard Philips Lovecraft através de renomados escritores que por ele foram influenciados, contendo assim a participação de Neil Gaiman, Guillermo Del Toro, o próprio S.T. Joshi, e dentre outros. Apesar de termos visto a maneira como Lovecraft era tomado pelo sentimento de repugnância à miscigenação, o documentário possui apenas uma pequena parte destinada à demonstração de seu preconceito, que rapidamente é diminuído pelos seus admiradores.

---

<sup>52</sup> JOSHI, S.T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, 2564.

<sup>53</sup> Idem, posição 2567.

<sup>54</sup> Idem, posição 2567.

<sup>55</sup> Idem, posição 2552.

<sup>56</sup> **Lovecraft: O Medo do Desconhecido**. Direção de Frank H. Woodward. San Diego: 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5le8jKiOaFQ&t=22s>>. Acesso em: 17 de out. de 2019.

O escritor e cartunista Neil Gaiman acredita que não se pode sempre correlacionar a crença de alguém com o que essa pessoa escreve<sup>57</sup>, enquanto o cineasta Guillermo Del Toro acredita que o que temos de Lovecraft é um registro antiquado de um cavalheiro de sua época<sup>58</sup>. No mesmo documentário, o escritor e teólogo Robert M. Price chega a dizer que a expressão racista de Lovecraft não é nada surpreendente vindo de alguém que viveu durante as décadas de 1920 e 1930, e que não devemos levar a questão muito a sério<sup>59</sup>. Tal pensamento pode se transformar em uma perigosa ferramenta para a validação das palavras do escritor racista. Del Toro cita Mark Twain como um exemplo de alguém que também fora importante na literatura e que por vezes foi racista em sua escrita, como este sendo um problema do escritor, mas que deveríamos separar de sua importância dentro do campo literário. Estes comentários são deveras evasivos, o que pode nos perpassar a ideia de que estes escritores, considerados gênios dentro do gênero, estão não somente desdenhando de um problema tão sério dentro da literatura lovecraftiana, como também a estão pormenorizando, algo que seria controverso vindo de uma pessoa tão crítica ao *status quo* como Del Toro o é, por exemplo.

Indo além do documentário, outro grande autor que, em seu livro que dissecou o horror, deixa a questão racial de lado, é Stephen King, em “*Danse Macabre*”<sup>60</sup>. King faz neste livro, um apanhado sobre a literatura do horror durante o século XX, em torno daqueles autores que foram importantes não somente para o gênero, como também para seu desenvolvimento pessoal como um escritor. Entretanto, em momento algum King questiona ou chega a mencionar que H.P. Lovecraft era um racista. Essa característica não se passa despercebida por um intelectual do gênero como Stephen King. O silêncio em torno disso é uma escolha cabível ao próprio escritor.

Portanto, podemos observar que Howard Philips Lovecraft foi contemporâneo a uma literatura insurgente negra que se colocava contra os padrões racistas da época, e o literato escolheu por não as ler, mantendo assim a sua ideia de que a miscigenação traria um fim àquilo que ele considerava chamar de civilização. A mera justificativa de que sua veemência e teimosia em defender ideias eugênicas se deve pela limitação de um homem em seu tempo não pode, desta maneira, ser utilizada como uma tentativa de extenuação por qualquer pessoa que tente defendê-lo. O escritor não somente optou por não ter contato com este tipo de literatura, como também estreitou seus laços com a literatura conservadora. Não estamos aqui a colocar escritores contemporâneos como racistas

---

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> KING, Stephen. **Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero**. Tradução de Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

simplesmente por escolherem não levar o sentimento xenofóbico e o racista de Lovecraft à sério, pois nem toda difusão e influência está correlacionada com a dimensão ética do autor, mas nos cabe o questionamento sobre os motivos que levam alguém a extenuar ou ignorar tal comportamento tão presente nas obras. Se trata apenas de uma questão de escolha.

## **Capítulo 2 - O mundo se despedaça: um horror baseado no fim da civilização ocidental movido pela miscigenação.**

### **2.1 – O miasma civilizatório:**

A miscigenação era um sustentáculo do horror de H.P. Lovecraft em alguns de seus contos, como podemos observar. Ele não somente odiava a outras etnias e minorias, como os negros e judeus, como também abominava a realidade em que as mesmas faziam parte da sociedade estadunidense. É provável que o medo sentido pelo escritor era o de que sua civilizada sociedade ariana, descendente de anglo-saxões, se esvaecesse por consequência da mistura racial de arianos com asiáticos e africanos. Medo esse que podemos observar em suas narrativas. Monstros gigantes e aterrorizantes trazem um fim à humanidade; imigrantes negros e judeus trazem um fim à sociedade civilizada<sup>61</sup>.

Um medo que pode ter fundamentos históricos, pois Lovecraft acreditava que “o Império Romano será para sempre o incidente central da história humana”<sup>62</sup>. As tribos germânicas teriam sido o motor que levou tal império à sua decadência, bem como seriam os negros e a miscigenação nos Estados Unidos. O escritor também chegou a elogiar a Ku Klux Klan na década de 1910, após ler o romance “*The Clansman*”, se referindo ao movimento como “that noble but much maligned band of Southerners who saved half of our country from destruction at the close of the Civil War”<sup>63</sup>.

Segundo Fernandes e Morais, a Ku Klux Klan estava relativamente falida desde a década de 1870, mas teve um impetuoso renascimento em 1915, com o lançamento do filme “*O nascimento de*

---

<sup>61</sup> É notável e de importante menção que em “O Chamado de Cthulhu”, aqueles que invocam a deidade são negros africanos e caribenhos.

<sup>62</sup> JOSHI, S.T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 4817.

<sup>63</sup> “Este nobre grupo de sulistas difamados que salvaram as vidas de metade do nosso país da destruição ao fim da Guerra Civil”, JOSHI, S.T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 4831.

uma nação”<sup>64</sup>. Nesta época, o grupo conseguiu recrutar cerca de quatro milhões de membros, tanto nos Estados do Sul, quanto nos do Norte<sup>65</sup>. O número de linchamentos contra negros explodiu após a data de lançamento deste filme, sendo a maioria justificada como resposta a supostos estupros que negros vinham fazendo contra mulheres brancas<sup>66</sup>. Quanto a esses ocorridos, Lovecraft se manteve em silêncio, segundo Joshi<sup>67</sup>, além de não ter mais mencionado a KKK por muito tempo em sua vida<sup>68</sup>.

Michel Houellebecq, por meio de uma análise até certo ponto psicologizada, não tinha dúvidas de que Lovecraft se colocava como uma vítima<sup>69</sup> dos males que a miscigenação poderia lhe causar.<sup>70</sup> A sociedade civilizada encontrava na pele do negro o que há de mais hediondo, como sendo este a nova maçã do Éden, aquele que carrega consigo a “bestialidade e o pecado”<sup>71</sup> em um corpo social que deveria apenas ser guiado pela progressiva ciência<sup>72</sup>. Segundo Houellebecq, possivelmente a experiência de vida que Lovecraft teve em Nova York se tornou em um combustível para o seu ódio, vendo naquela “Babilônia moderna”<sup>73</sup> a mistura de raças como causadora de um miasma civilizatório. Um miasma que deveria ser erradicado, ou erradicaria a civilização.

A década de 1930 se tornou um palco temporal da decadência da “civilização americana” para Lovecraft, que tivera seu início com o país sob enorme crise financeira. Sua visão em torno do mundo em sua volta era a de uma degradação generalizada, bastante pessimista. Ele se apegou a teóricos como o alemão Oswald Spengler, autor do livro “*O declínio do Oeste*”<sup>74</sup>, cujo nome já fala por si mesmo. Em uma carta, Lovecraft escreve:

---

<sup>64</sup> FERNANDES, Luiz Estevam. MORAIS, Marcos Vinicius de. **Os Estados Unidos no século XIX**. In: **A história dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p.204

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Idem, p.146

<sup>67</sup> JOSHI, S.T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 4831

<sup>68</sup> Segundo Joshi, Lovecraft somente volta a falar sobre a KKK muito tempo depois, e desta vez a repudiando.

<sup>69</sup> Os tempos de Lovecraft em Nova York foram difíceis a partir do momento em que sua esposa, Sonia Greene, não obteve sucesso financeiro com uma loja da qual era dona. Ele passou então a enxergar aqueles imigrantes como rivais em um momento em que incessantemente buscava por emprego, mas não encontrava.

<sup>70</sup> HOUELLEBECQ, Michel. **H.P. Lovecraft: against the world, against life**. pp. 1. Texto encontrado em: <<https://www.pdf-archive.com/2016/04/11/houellebecq-lovecraft-against-the-world-against-life/>>, pp. 33.

<sup>71</sup> Idem. pp. 30

<sup>72</sup> É deveras curioso que mesmo após ocorrida a Primeira Guerra Mundial, iniciada e motivada pelos países europeus que até então eram potência mundial e símbolo da civilidade e do progresso, para Lovecraft, a barbárie continua a ser algo associado aos negros e mestiços.

<sup>73</sup> Idem, pp. 30.

<sup>74</sup> JOSHI, S.T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 16668.

“It is ‘American’ only in a geographic sense, & is not a ‘civilisation’ at all [...]. It is a wholly alien & wholly puerile barbarism; based on physical comfort instead of mental excellence [...]. Of course, like other barbarisms, It may someday give birth to a culture – but that culture will not be ours, & it is natural for us to fight it’s incursions over territory which we wish to preserve for our country”<sup>75</sup>.

Neste trecho de uma carta de Lovecraft, encontrado em “*I am Providence: life and times of H.P. Lovecraft*”, podemos perceber que o escritor não simplesmente teme pela decadência daquilo que ele considera civilizado, como também tentava prever isso, sendo muito negativo quanto ao futuro, acreditando que esse era um movimento natural que ocorria com as grandes civilizações, como ocorrera com o Império Romano<sup>76</sup>. Ele chama de “pueril barbarismo” essa “nova América”, que nesse início de século vinha recebendo enormes ondas de imigrantes vindos dos quatro cantos do mundo. Em 25 de março de 1929, em uma carta para um colega, ele enumera quais são os principais elementos que, para ele, estão a causar a degeneração dos Estados Unidos:

“Real America had the start of a splendid civilisation – the British stream, enriched by a geographical setting well-calculated to develop a vital, adventurous, and imaginatively existence... What destroyed it as the dominant culture of this continent? Well – first came the poison of social democracy [...]. Then came the premature shifting of the economic centre of gravity to the relatively immature west [...]. Sudden, financial overturns and the rise of a loathsome parvenu class [...], whilst worst of all was the rashly and idealistically admitted flood of alien, degenerate, and unassimilable immigrants [...]. On this dangerous and unstable cultural chaos finally fell the curse of the machine age”<sup>77</sup>.

A opinião de caráter decadente, pessimista, do escritor fica tão visível quanto o Cthulhu num horizonte plano nesta passagem, onde ele expõe primeiramente, o terreno fértil para o desenvolvimento de uma avançada civilização na qual os Estados Unidos foram fundados, tendo sido

---

<sup>75</sup> “Se é ‘americano’ apenas em um sentido geográfico e isso não é uma civilização [...]. É inteiramente alienígena e de pueril barbarismo; baseado em conforto físico em vez de excelência mental [...]. Com certeza, como outros barbarismos, um dia isto dará luz a uma cultura – mas esta cultura não será nossa, e é natural a nós lutar contra suas incursões pelo território que desejamos preservar para o nosso país”. JOSHI, S.T. *I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft*. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 16668.

<sup>76</sup> Idem, posição 16682.

<sup>77</sup> “A América real teve um início civilizatório esplêndido. O fluxo britânico, enriquecido por uma configuração bem calculada para o desenvolvimento de uma existência vital, aventureira e de fértil imaginação. Como sendo a cultura dominante deste continente, o que a destruiu? Bom – primeiro veio o veneno da socialdemocracia [...]. Então veio a prematura mudança do centro da economia para o oeste relativamente imaturo [...]. Repentinamente, reviravoltas financeiras fazem emergir uma repulsiva classe média arrivista [...], enquanto o pior de tudo foi uma precipitada e ideologicamente aceita onda de imigrantes estrangeiros, degenerados e inassimiláveis [...]. Nesse perigoso e instável caos cultural finalmente veio a maldição da era das máquinas”. Idem, posição 16695.

formado por britânicos aventureiros que se estabeleceram em um ótimo achado geográfico. Britânicos esses que o escritor encara como sendo a raça superior a todas as outras. Não havia como falhar. Os Estados Unidos da América hão de ser o país do futuro. Todavia, os males vieram, por bem ou por mal. O escritor inicia a lista dos maléficis quatro cavaleiros do apocalipse que trouxeram a derrocada dos EUA. O primeiro cavaleiro é a socialdemocracia que fez com que o país se perdesse em suas noções de desenvolvimento<sup>78</sup>. Devemos lembrar que H.P. Lovecraft fazia parte da ala conservadora norte-americana e discordava piamente das vertentes políticas liberais nortistas, atirando simpatias aos conservadores sulistas.

O segundo cavaleiro do apocalipse aqui cavalga ao lado do terceiro, de certa forma. Nos Estados Unidos do início do século XX, assim como nos deparamos com o que ocorreu no Brasil<sup>79</sup>, houve uma rápida ascensão de uma nova classe média, uma nova burguesia, derivada de um crescimento econômico também repentino, acompanhado de enormes investimentos no setor ferroviário e industrial<sup>80</sup> e um forte expansionismo com vetores direcionados para o oeste. Essa nova classe média era o segundo cavaleiro, e habitava os centros urbanos em expansão, passava por cima de antigos códigos cavalheirescos e aristocráticos, sendo fortemente movidos pelo ideal individualista<sup>81</sup>, o que gerava um caráter, como Lovecraft diz, “*parvenu*”<sup>82</sup>. Concomitantemente, o terceiro cavaleiro chegava por ondas de imigrantes que aportavam aos Estados Unidos, o que mais causa desconforto ao escritor, responsáveis por uma espécie de instabilidade cultural devido à essa miscigenação. Tudo ocorrendo dentro da, como o literato se refere, era das máquinas. A modernidade é aqui o quarto cavaleiro do apocalipse, como possuidora de um cerne negativo, de algo caótico e perdido.

O conservadorismo se encontra no âmago de todo o trecho recortado. O escritor não era simpático por ideias conduzidas pela democratização da cultura, das artes ou da política, se opondo por exemplo ao modernismo e ao que Joshi se refere como “*mass culture*”<sup>83</sup>. O único entusiasmo

---

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

<sup>80</sup> FERNANDES, Luiz Estevam. MORAIS, Marcos Vinicius de. **Os Estados Unidos no século XIX**. In: **A história dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007, pp. 176-177

<sup>81</sup> Idem, p.157

<sup>82</sup> “Arrivista”.

<sup>83</sup> JOSHI, S.T. *I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft*. Nova York: Hippocampus Press, 2013, posição 16695.



político e social que ele possuía era com a manutenção de uma dominância da alta cultura nas mãos de uma aristocracia<sup>84</sup>. A população pobre deveria ficar excluída dessa elite cultural, social e política<sup>85</sup>.

Segundo Fernandes e Morais, nos Estados Unidos do início do século XX, era comum em algumas correntes intelectuais a crença de que “assuntos humanos eram governados por leis naturais imutáveis: o bem geral era mais bem servido com a busca da satisfação dos interesses individuais”<sup>86</sup>. O liberalismo social era uma importante pauta que, por meio de discursos religiosos como os advindos da ética protestante, qualificava a pobreza não como um fenômeno sintomático do capitalismo, mas um castigo ao indivíduo por sua insolência. Não obstante, houve uma fácil aceitação do puritanismo norte-americano pelo darwinismo social<sup>87</sup>, que estipulava uma hierarquia de “raças” humanas e colocava a branca caucasiana no topo. O negro se encontrava na base.

Um conto de H.P. Lovecraft que pode ser lido sob uma perspectiva de hierarquização racial é “*Nas montanhas da loucura*”, escrito em 1930. O conto retrata a descoberta científica por humanos de alienígenas (os *Elder Ones*) congelados no Ártico. Durante a pesquisa, alguns cientistas desaparecem e também os seres descobertos. A partir de uma investigação, os personagens que se colocaram na busca se deparam com uma outra espécie de ser vivo que havia retornado à vida, os *Shoggoths*. Estes seres haviam, há milhões e milhões de anos, sido escravizados pelos *Elder Ones* por serem inferiores intelectualmente. Entretanto, com o passar do tempo os *Shoggoths* adquiriram uma maior capacidade cognitiva que os permitiu terem vontades próprias, o que ocasionou em uma revolta desses seres amorfos contra os *Elder Ones*. Nesse conto nos é possível fazer uma comparação no campo social, onde os *Elder Ones* podem ser os equivalentes ao homem branco europeu, e os *Shoggoths* ao negro e aos asiáticos que pelos europeus foram colonizados. Ademais, a descoberta científica feita pelos humanos os levou a acordarem entidades que agora podem trazer o fim para a humanidade, ou seja, consequências terríveis tiveram a enorme sede humana por conhecimento.

## 2.2: Os hediondos pilares do horror:

---

<sup>84</sup> Idem

<sup>85</sup> É curioso o fato de Lovecraft se opor tão piamente à democratização cultural enquanto escreve para *pulp magazines*, que tinham como público alvo as classes mais pobres. Entretanto, ele não considerava que seus contos fossem parte de uma “literatura séria”, o que talvez possa fazer sentido diante dos meios pela qual suas estórias eram publicadas.

<sup>86</sup> FERNANDES, Luiz Estevam. MORAIS, Marcos Vinicius de. **Os Estados Unidos no século XIX**. In: **A história dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p.157

<sup>87</sup> Idem, p.158

Lovecraft de fato se importava com uma descrição demasiada poética em seus contos, e tudo isso fazia parte de sua característica dentro de seu horror. Esse tipo de descrição permite que o leitor se adentre mais na história, quase que se tornando um personagem, o que é corroborado por muitas narrativas em primeira pessoa também. A atmosfera presente na literatura é citada como uma ferramenta-chave para o escritor em seu livro “O horror sobrenatural na literatura”:

“O mais importante de tudo é a atmosfera, pois o critério final de autenticidade não é o recorte de uma trama e sim a criação de uma determinada sensação. [...] Portanto, uma peça do gênero deve ser julgada não pela intenção do autor, nem pela simples mecânica do enredo, mas pelo plano emocional que ela atinge.<sup>88</sup>”

H.P. Lovecraft não enxerga uma escrita do horror sem essa criação de uma atmosfera cativante, que convoca o leitor a uma “participação” na narrativa em prol de ocasionar uma grande intensidade no plano emocional. De nada adiantaria a existência de Cthulhu se não existisse a sua característica narrativa investigativa e sombria, que leva os personagens ao delírio de sua sanidade e deixa o leitor curioso e ao mesmo tempo, incomodado.

A utilização do horror cósmico, marca “registrada” de Lovecraft, foi sobretudo a causa de tanto sucesso *post mortem* do autor, onde encontraremos não somente a maior parte da influência da filosofia niilista em suas obras, como também de seu grande interesse em astronomia e astrologia. Possuir a noção de que o universo é infinito em sua grandeza tanto espacial quanto temporal levou Lovecraft aos delírios quanto à insignificância humana, sendo com base nisso que ele criou grande parte de suas narrativas e as criaturas que nelas habitam, como suas deidades, os *Great Old Ones*, os *Elder Ones*, e dentre outras entidades alienígenas cujas idades nos são incalculáveis.

A insignificância humana se torna aqui uma das características-chave do horror de H.P. Lovecraft. O humano é um pequeno ser vivendo em um planeta que se encontra em um infinito universo, sendo esse muito mais antigo do que qualquer mente brilhante possa computar. A busca pela compreensão deste universo só traria a desgraça à humanidade<sup>89</sup>, tendo-se em vista que o ser humano não possui a capacidade de compreender a realidade como ela é. O produto desta busca seria a insanidade. Podemos observar isso no icônico primeiro parágrafo de *O Chamado de Cthulhu*:

---

<sup>88</sup> LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural na literatura**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1987, p. 20.

<sup>89</sup> Como anteriormente referido em *As Montanhas da Loucura*.

“Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a tenebrosos oceanos infindáveis que não fomos feitos para navegar muito longe”. As ciências, cada uma delas seguindo uma direção diferente, até agora pouco nos prejudicaram; mas em algum momento, quando encaixarmos as peças separadas do conhecimento, teremos revelada uma aterrorizante visão da realidade e de nossa desditosa posição nesse panorama, e, diante disso, enlouqueceremos ou abandonaremos a luz para buscar abrigo na paz e na segurança da nova Idade das Trevas.”<sup>90</sup>

Não bastando a infinita magnitude cósmica cuja civilização humana é incapaz de entender, pouco se sabe sobre àqueles que teriam vindo, como diz o autor, éons<sup>91</sup> antes da humanidade. Criaturas que antes já haviam estado na Terra e cultuavam os seus deuses, possuíam a sua linguagem e sua cultura. É neste contexto que surgem os *Great Old Ones*. Seres que, caso fossem acordados, colocariam um fim na civilização e em tudo o que compreendemos. Não por mera perversidade, mas também pela insignificância humana perto dessas criaturas.

### 2.3: O verdadeiro horror de Red Hook:

A descrição minuciosamente entrelaçada de grandes doses poéticas é uma característica fortíssima de H.P. Lovecraft. Em seus contos conseguimos não somente imaginar os personagens e o espaço geográfico na qual se inserem, mas também a emoção (normalmente estranheza, medo ou repugnância) que o personagem sente quanto ao que vê, de tal maneira que nos tornamos empáticos. Ele não hesita em caracterizar nefastas criaturas e suas ações:

“[...] nada poderá apagar a memória daquelas criptas às escuras, aquelas galerias titânicas com figuras infernais malformadas e que caminhavam em silêncio com suas passadas gigantescas e segurados seres comidos pela metade, cujas porções ainda vivas gritavam por misericórdia ou riam de loucura. Cheiros de incenso e decomposição juntavam-se numa combinação enjoativa, e a atmosfera escura agitava-se com os corpanzils obscurecidos e semivisíveis de seres poderosos e disformes com olhos”.<sup>92</sup>

Lovecraft se utiliza de um *gore* que se lido fora de contexto, pode até mesmo tomar um caráter jocoso. Entretanto, tudo faz parte da criação de uma imersão em sentimentos ruins e intensos para o

---

<sup>90</sup> LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018.

<sup>91</sup> Maior unidade do tempo geológico na cronologia científica.

<sup>92</sup> LOVECRAFT, Howard Philips. **Horror em Red Hook**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p.16

leitor. O escritor é deveras bom nisso e bastante rigoroso, e tal ação de descrever minuciosamente algo em prol do horror, ele se permite mergulhar até mesmo em seus sentimentos mais odiosos. Esse desconforto consegue transcender as linhas de suas cartas para outras práticas de escrita, ao alcançar seus contos, seja por meios diretos ou indiretos.

No conto *Horror em Red Hook*<sup>93</sup>, publicado em 1927, Lovecraft escancara o que sentia quanto àqueles que emigravam de suas pátrias originárias para, nos Estados Unidos, tentarem uma nova vida minimamente digna. O conto já foi analisado por Marcel Ângelo Timón Frias em seu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal de Santa Catarina, onde ele aponta trechos racistas dentro da obra e faz um debate sobre a “monstrificação” do imigrante nos Estados Unidos. Nessa monografia, entretanto, não discordando do trabalho de Frias, iremos explorar o racismo e a xenofobia como itens essenciais para a construção do terror cósmico de H.P. Lovecraft.

Red Hook é o nome de um bairro encontrado no Brooklyn, distrito de Nova York, que segundo o escritor, se tratava de:

“Red Hook é um labirinto de esqualidez híbrida próximo à antiga zona portuária e de frente para a Governor’s Island. Suas ruas sujas partem do cais e sobem até a parte mais alta, onde as extensões degeneradas das ruas Clinton e Court seguem em direção à sede da subprefeitura. As casas são na maior parte de tijolos, datando do primeiro quarto até a metade do século XIX, e alguns becos e caminhos mais obscuros têm aquele traço antigo e fascinante que a leitura convencional nos leva a chamar de *dickensiano*<sup>94</sup> [...]. Uma pessoa pode rastrear as relíquias dessa felicidade passada na arquitetura aprumada das construções, nas igrejas encantadoras ocasionais e nos indícios de arte e paisagem originais em pequenos detalhes aqui e ali [...], as casas costumam ficar em quadras compactas e espaçadamente surge uma abóbada com várias janelas para falar dos dias quando os lares dos capitães e proprietários de barcos observavam o mar. ”<sup>95</sup>

Podemos observar não somente o tratamento dado por Lovecraft aos então atuais moradores do bairro, como também aos que moravam no mesmo espaço anteriormente. Ao seu olhar, estrangeiros não seriam dignos e civilizados o bastante para habitar tal espaço que, anos antes, fora habitado por brancos. A referência à população deste bairro como híbrida e esqualida se trata apenas

---

<sup>93</sup> São inúmeras as vezes em que H.P. Lovecraft expõe em seus contos o seu caráter racista, como já introduzimos com *O Chamado de Cthulhu* e *Nas Montanhas da Loucura*. Entretanto, nos utilizamos de “*Horror em Red Hook*” neste momento por ser onde ele mais claramente explicita a sua repugnância diante do estrangeiro.

<sup>94</sup> Relativo a obras do escritor inglês Charles Dickens (1812 – 1870).

<sup>95</sup> LOVECRAFT, Howard Philips. **Horror em Red Hook**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p. 6.

do início do que estaria por vir nos parágrafos seguintes, quando o autor coloca em palavras o seu desprezo e desgosto quanto à estas pessoas. Elas se tornam parte do horror de sua narrativa:

“A população é um emaranhado e um enigma incorrigível; elementos sírios, espanhóis, italianos e negros chocam-se uns com os outros, e fragmentos de cinturões escandinavos e norte-americanos não vivem muito longe. Trata-se de uma babel de sons e sujeira lançando exclamações estranhas para responder ao barulho das ondas oleosas nos molhes imundos e às ladainhas monstruosas dos apitos do porto. Muito tempo atrás se vivia um quadro mais aprazível, com marinheiros de olhos claros nas ruas mais abaixo e lares de bom gosto e solidez onde as casas maiores acompanham a colina. [...] dessa confusão de putrescência material e espiritual, as blasfêmias de uma centena de dialetos investem contra o céu. Quando as hordas de vagabundos vagam sem destino gritando e cantando pelas vielas e ruas movimentadas”.<sup>96</sup>

Ao dizer que “a população é um emaranhado e um enigma incorrigível”, podemos compreender o desprezo do escritor pela miscigenação, que aos seus olhos se tratava da emissária do fim civilizatório. A descrição também se transforma como que saindo da água para o vinho no momento em que Lovecraft aponta a diferença entre estes imigrantes que agora habitam Red Hook e o passado do bairro, que outrora já fora feliz, com “lares de bom gosto e solidez”. O saudosismo neste trecho presente é claro, onde o autor demonstra o que, para ele, é o resultado da miscigenação. Onde antes encontrávamos pessoas viviam de forma feliz, em um bairro que funcionava de maneira harmoniosa, e onde brancos ergueram lindos prédios que remontam um cenário dickensiano, agora trombaríamos rudemente com um ambiente extremamente hostil e insalubre, tomado pela violência e pela bestialidade. Como já antes observado, o literato considerava a miscigenação uma consequência de algumas escolhas tomadas pelos Estados Unidos, que agora pagava o preço por se adequar à modernidade e seu capitalismo selvagem.

Como foi dito anteriormente, o conto perpassa a ideia do escritor de que houve uma enorme depravação na sociedade que àquele bairro habitava. Se outrora naquela zona portuária do Brooklyn eram residentes pessoas brancas de olhos claros que construíram um belíssimo bairro, na década de 1920 tudo se esvai, quando as ondas de imigrantes asiáticos e africanos passam a se misturar aos brancos, resultando em uma catastrófica e virulenta mistura racial. É com essa visão inconformada com a realidade que Lovecraft dá início a uma construção de seu horror. Se ele teme e se enoja por

---

<sup>96</sup> Idem, p. 6.

tal situação, talvez a mesma possa resultar em uma ótima ferramenta do terror atmosférico por ele tanto prezado e almejado.

O conto é protagonizado pelo detetive Malone, que logo no início da narrativa é apresentado como alguém que está a sofrer com surtos psicológicos. Surtos esses que advém de uma perda de sua sanidade ocorrida durante um incidente em *Red Hook*. Malone havia sido designado para trabalhar nessa zona do Brooklyn, que era habitada majoritariamente por imigrantes. Uma enorme onda de imigrantes curdos estava a chegar incessantemente, e as forças policiais sabiam que existiam meios de contrabando entre esses grupos, tanto de bebidas alcoólicas, como de outras coisas que Malone prefere não comentar. Após certas batidas policiais, Malone consegue adentrar em uma igreja do bairro que já não era mais considerada cristã. Rituais eram ouvidos durante algumas noites, e era dito por moradores que às vezes era possível ouvir um estranho tocar de um órgão. Na igreja, o protagonista acompanhado de outros policiais, se depara com estranhas inscrições nas paredes e em um altar, mas não conseguem tirar nenhuma conclusão de o que poderia ser aquilo<sup>97</sup>.

Malone caminha pelas ruas de Red Hook entrevistando imigrantes, procurando saber mais sobre a vinda dos mesmos e por quais meios ilícitos teriam chegado eles, em que porto desciam, quem eram os marinheiros que colaboravam. Mas o sucesso era praticamente inexistente, pois os imigrantes economizavam em suas palavras. Durante uma conversa, Malone descobre, entretanto, uma motivação que movia esses estrangeiros a se mudarem:

“Bandidos de outras estirpes eram igualmente taciturnos, e o máximo que se conseguiu juntar foi que algum deus ou grande sacerdote lhes havia prometido poderes desconhecidos, glórias sobrenaturais e a soberania numa terra estranha”<sup>98</sup>.

Os estrangeiros aparentemente eram movidos então por essas promessas bizarras, constituídas de uma malignidade tremenda. Eles estavam se mudando para os Estados Unidos já com esses objetivos em mente, mas isso não surpreende Malone, pois segundo ele, esses “mongoloides”<sup>99</sup> deviam ter vindo de algum lugar do Curdistão, sendo esse país a casa dos *yezidis*. Grupo esse que, composto por curdos, é praticante de uma religião herdada do zoroastrismo, o que para Malone<sup>100</sup>, tal

---

<sup>97</sup> Apenas acreditam ser marcas de rituais satanistas.

<sup>98</sup> Idem, p.11

<sup>99</sup> Idem, p.10

<sup>100</sup> E para Lovecraft.

excentricidade se tratava de “adoradores do diabo”<sup>101</sup>. O protagonista descreve os curdos da seguinte maneira:

“Suas figuras acoradas e fisionomias caracteristicamente de olhos puxados, combinadas de modo grotesco com roupas norte-americanas cintilantes, apareciam mais e mais numerosamente em meio aos vagabundos e bandidos nômades da região da sede da subprefeitura”<sup>102</sup>.

O mais interessante a se observar nesse trecho é o modo em que o autor não consegue enxergar com bons olhos a assimilação cultural entre os curdos e os estadunidenses. As roupas estadunidenses ficam estranhas nos estrangeiros de “olhos puxados”, ou seja, se trata de uma mistura que não deveria ocorrer. O conservadorismo de H.P. Lovecraft aqui se coloca nessas entrelinhas.

O protagonista se depara com a estranheza de Robert Suydam, um personagem branco vindo de uma genealogia holandesa. Ele era um homem que vivera em uma mansão dentro do bairro por quase seis décadas e era detentor de uma enorme erudição. Entretanto, parentes de Suydam questionavam sua sanidade, pois com o tempo o homem começou a se vestir muito mal, como um mendigo, e por vezes era visto com estranhos amigos. Mudanças excêntricas ocorreram nele, enquanto gastava toda sua renda na compra de estranhos tomos importados do exterior e em reformas num apartamento que ficava no subsolo de Red Hook. Os estranhos amigos, no caso, eram esses moradores do bairro cujo eu lírico demonstra tanto desgosto.

Certo tempo depois, a igreja do bairro recebe uma enorme festa de casamento. Robert Suydam de repente se casa com uma mulher, saindo para a lua de mel em um navio. Porém, algo ocorre no navio, quando os recém-casados são encontrados mortos. O marinheiro que os encontrou simplesmente enlouqueceu por algo terrível que viu. O médico do navio não enlouqueceu, mas preferiu ficar em silêncio sobre tudo o que viu dentro da cabine. De súbito, um estranho cargueiro se aproxima do navio, quando:

“Um bote foi colocado na água e uma horda de facínoras morenos e insolentes subiu a bordo do Cunader (o navio), que estava temporariamente parado. [...] o líder dos visitantes, um árabe com uma boca bestial, passou um papel sujo e amassado e passou-o para o capitão”<sup>103</sup>.

---

<sup>101</sup> Idem, p.10

<sup>102</sup> Idem, p.10

<sup>103</sup> Idem, p.14

É possível aqui observarmos uma visão animalesca referente aos visitantes que abordaram o navio de Suydam. “Morenos” carrega aqui um enorme peso pejorativo, sendo utilizado como parte das características negativas desses homens árabes. O papel que eles entregaram dizia que caso Suydam viesse à óbito, seu corpo deveria ser entregue incondicionalmente a esses homens, pelo bem da própria tripulação. O capitão não hesitou e seguiu as ordens.

Os invasores saíram do barco carregando o corpo de Suydam e deixando o de sua esposa na cabine. Entretanto, drenaram todo o sangue da mesma. O narrador então diz que “[...] os bolsos daqueles homens – se é que eram homens – estavam abominavelmente abaulados quando deixaram o navio”<sup>104</sup>. Trecho esse onde podemos novamente observar uma bestialização desses estrangeiros.

A narrativa se volta para Malone, que diante de um desaparecimento de crianças norueguesas nos arredores de Red Hook, decide fazer uma enorme ação policial, batendo de porta em porta e invadindo residências à fim de fazer uma “limpeza geral”<sup>105</sup>. Foi em meio a uma enorme agitação nesta noite, que policiais começaram a prender várias pessoas, e Malone decidiu de uma vez por todas, investigar o misterioso apartamento subterrâneo de Suydam. Ele agora tinha certeza de que o excêntrico era um líder cultista e queria descobrir se o homem tinha alguma ligação com os recentes desaparecimentos.

Tomando a vanguarda e indo sozinho, Malone invadiu o apartamento, onde encontrou quartos mofados, livros e um certo odor de ossuário. Foi então que o protagonista foi surpreendido por um gato que passou por entre suas pernas. O gato estava a correr e fez com que o homem caísse, e embora o contato visual tenha sido rápido, o personagem acredita ter notado alguma característica física muito estranha no animal.

Ao se levantar, Malone decide continuar sua investigação adentrando ao último cômodo restante: o porão. Ao arrombar as portas, o narrador descreve algo que ele não sabe se se trata de um sonho, ou de realidade. O que havia dentro do porão era praticamente o inferno na Terra. Diversas criaturas monstruosas caminhavam e se esgueiravam lado a lado, se alimentando de pessoas ainda vivas. Nos deparemos com parte da descrição do local:

“Avenidas de uma noite sem fim pareciam espalhar-se em todas as direções, a ponto de se poder imaginar que aqui se encontrava a raiz de um contágio destinado a adoecer e engolir as cidades e engolfar nações inteiras no fedor de uma pestilência híbrida. [...]

---

<sup>104</sup> Idem, p.15

<sup>105</sup> Idem, p.15



O Satã mantinha a sua corte babilônica nesse lugar, e no sangue da infância imaculada os membros leprosos da Lilith fosforescente eram lavados. [...] Os homens escuros estranhos dançavam na retaguarda e toda a coluna andava lépida e saltitante com uma fúria dionisiaca”<sup>106</sup>.

A descrição é deveras intrigante pelo fato de que, embora ele esteja narrando essa terrível cena que se passa diante de seus olhos, com criaturas que poderiam facilmente engolir cidades com sua “pestilência híbrida”, a repugnância e o caráter da narrativa se parece muito com as descrições do início do conto, enquanto Lovecraft descreve o bairro de Red Hook. Em um trecho citado anteriormente, ele se refere ao bairro como uma “babel de sons e sujeira lançando exclamações estranhas para responder ao barulho das ondas oleosas nos molhes imundos e às ladainhas monstruosas dos apitos do porto”, bem como a imagem do porão se tratava de onde “Satã mantinha a sua corte babilônica”.

Embora a cena tenha sido extremamente realista, Malone estava tendo um sonho enquanto desmaiado dentro do porão de Suydam<sup>107</sup>. Ele foi acordado por colegas policiais, logo ao lado de uma mistura bizarra de “horrível podridão e ossos”<sup>108</sup>, cuja arcada dentária posteriormente fora provada como pertencendo ao recém-falecido Suydam. Concomitantemente ao suposto desmaio de Malone, três enormes casas que estavam sendo invadidas pelos policiais colapsaram simultaneamente, sem explicações, o que causou a morte de metade dos policiais que estavam participando da ação e de um número exorbitante de imigrantes.

Os policiais e o investigador continuaram a investigar o porão, onde Malone encontrou evidências de que seu sonho poderia ter sido uma vivência real. Se depararam então com um túnel que ligava o porão à uma cripta pertencente à igreja que fora anteriormente explorada. Seguindo esse caminho, encontraram celas onde se encontravam

“[...] prisioneiros solitários num estado de completa idiotia, acorrentados, inclusive quatro mães com crianças com uma aparência terrivelmente estranha. Essas crianças morreram logo após sua exposição à luz. [...] Ninguém, a não ser Malone, entre aqueles que as examinaram, lembrou da pergunta lúgubre do velho Delrio: *‘Na sint*

---

<sup>106</sup> Idem, pp. 16-17

<sup>107</sup> Entretanto, nessa parte do conto, sem saber da morte de Suydam e do incidente do navio assaltado por árabes, Malone chega a ver homens de pele escura chegando de bote por um canal que conectava o porão ao mar, trazendo o mórbido corpo do homem recém-casado para um altar, onde as criaturas começam a proclamar um estranho mantra ao som de um desafinado órgão. Será mesmo que tudo foi um sonho?

<sup>108</sup> Idem, p.19

*unquam daemones incubi et succubae, et na ex tali congresso proles enascia quea?*<sup>109</sup>.<sup>110</sup>

A frase em latim aqui encontrada é, segundo o editor<sup>111</sup>, pertencente ao jesuíta Martin Antonio Delrio (1551-1608). Ela carrega um enorme simbolismo dentro deste conto, onde Malone se questiona sobre essa possibilidade de surgir uma prole vinda da união entre humanos e demônios. Isso seria algo terrível de se imaginar, mas que à visão de Malone, e também do próprio escritor, é algo que materialmente ocorre, sendo essa a união entre diferentes raças de humanos.

No fim do conto o narrador lamenta que a vitória tenha sido dos seres malignos que assolam a humanidade, que em Red Hook, possuem uma enorme legião de seguidores, sendo eles comprovadamente curdos *yezidis*, os “adoradores do diabo”<sup>112</sup>. Ele demonstra essa insatisfação em mais uma passagem racista:

“A alma da besta é onipresente e triunfante, e as legiões de jovens com olhos turvos e rostos marcados pela varíola de Red Hook ainda cantam, vociferam e falam palavrões enquanto marcham de abismo para abismo, ninguém sabe por que razão ou para onde, empurrados por leis cegas da biologia que eles talvez nunca entenderão. [...] quem somos nós para combater venenos mais antigos que a história e a humanidade? [...] esse câncer se espalha furtivamente protegido pela dissimulação oculta nas fileiras de tijolos decadentes”<sup>113</sup>.

Malone e as forças policiais poderiam se esforçar ao máximo, mas a hibridez de raças já fazia parte de Red Hook e era irreversível. A visão pessimista de Lovecraft para com uma sociedade enormemente constituída de imigrantes fica bastante exposta diante dessa preocupação com o “câncer” que se espalha pelas cidades estadunidenses.

O conto *Horror em Red Hook* pode não ter sido a estória mais famosa de H.P. Lovecraft, mas é ela que traz em seu âmago o mais terrível medo por parte do autor diante do crescente número de imigrantes adentrando nos Estados Unidos. Nela encontramos uma transformação de um preconceito em uma estética causadora do horror, formadora de uma atmosfera pútrida e calamitosa. Não nos

---

<sup>109</sup> Tradução do editor: “Será possível estar uma vez com demônios, íncubos e súcubos, e a partir de tal união, gerar uma prole? ”.

<sup>110</sup> Idem, p.19

<sup>111</sup> Idem, p.21

<sup>112</sup> Idem, p.19

<sup>113</sup> Idem, p.20

defrontamos nessas entrelinhas apenas com descrições carregadas de preconceito e xenofobia, mas sim com esses sentimentos sendo transmutados em elementos causadores do horror.

### **Conclusão:**

Ao decorrer desta monografia pudemos compreender que Howard Philips Lovecraft transcendeu o seu tempo de vida por meio de sua marcante literatura, que embora possua diversas críticas, a mesma deixou a assinatura do escritor reverberando dentro do gênero do horror, indo muito além do próprio mundo literário. Jogos eletrônicos, roupas, itens colecionáveis, tatuagens e filmes, elevam as obras do escritor ao patamar da imortalidade.

Diretores de cinema e escritores que tiveram grande impacto na indústria cinematográfica e na literatura após a década de 1950, tiveram contato com as obras lovecraftianas de uma maneira ou outra, adaptando às suas próprias formas artísticas características advindas do horror cósmico ou das deidades de Lovecraft. E, embora o escritor seja indissociável de um virulento racismo e uma xenofobia extremamente agressiva, suas obras conseguiram atingir à fama sem que muitos leitores conhecessem esse lado do escritor.

Sendo assim, os estudos sobre os problemas raciais encontrados dentro de suas obras se tornaram em uma enorme necessidade. Ademais, alguns artistas da zona de influência lovecraftiana, como Guillermo Del Toro e Neil Gaiman, deram forma às suas próprias interpretações de mundo e de arte, se utilizando de características do horror cósmico para narrar histórias de caráter progressista, algo completamente subversivo ao que o escritor de Providence propunha em suas entrelinhas.

Também pudemos observar que Lovecraft possuía uma constante preocupação com a civilização ocidental e, por meio de discursos apoiados na eugenia, defendia uma hierarquização racial, cultural, política e social. Ele não somente acreditava que o homem branco descendente da cultura anglo-saxã era superior a quaisquer outras “raças”, como também era defensor de uma manutenção de aristocracias no poder, se posicionando veemente como um conservador e proclamando o ódio ao mundo moderno.

Com tais sentimentos, o escritor transformava seu ódio em linhas dentro de cartas e contos, e em versos nas suas tentativas de ser um poeta. O racismo se tornou em alguns contos, em uma ferramenta provedora do horror, indo além de um mero pensamento transferido para o papel. O ódio

se transformou em um elemento chave para o horror que tanto caracteriza um autor que no gênero se eternizou.

## Fontes:

LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018.

LOVECRAFT, Howard Philips. **Horror em Red Hook**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

## Bibliografia

CARROLL, N. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

FERNANDES, Luiz Estevam. MORAIS, Marcos Vinicius de. **Os Estados Unidos no século XIX**. In: **A história dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

FRANÇA, J. **O horror na ficção literária: reflexão sobre o "horrível" como uma categoria estética**. Anais do XI Congreço Internacional da Abralic. São Paulo: [s.n.]. 2008.

FRIAS, M. A. T. **Comensais do Horror: o exógeno como portal do horror em H.P. Lovecraft**. Trabalho de Conclusão de Curso - UFSC. Florianópolis. 2018.

HOUELLEBECQ, Michel. **H.P. Lovecraft: against the world, against life**. Texto encontrado em: <<https://www.pdf-archive.com/2016/04/11/houellebecq-lovecraft-against-the-world-against-life/>>.

JOSHI, S. T. **I am Providence: the life and times of H.P. Lovecraft**. Nova York: Hippocampus Press, 2013.

KING, S. **Dança Macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural na literatura**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1987.

LOVECRAFT, H. P. **A cor que caiu do céu**. Tradução de Marsely De Marco e Fátima Pinho. São Paulo: Pandorga, 2018.

**LOVECRAFT: o medo do desconhecido**. Direção: Frank H. Woodward. [S.l.]: [s.n.]. 2008.

MATEUS, Anabela. **As pulp magazines**. Babilónia, nº5, p. 57 – 65, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Alexander Meireles da. **O *homo lovecraftus* contra a modernidade**. Revista *Abusões*, v. 1, p. 44-68, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Cidade do México: Premia Editora e Livros S.A., 1981.